

## **Sobre a *forma* e as *fôrmas* da transmissão psíquica e a precipitação da subjetividade<sup>1</sup> sujeitada à estrutura<sup>2</sup>**

### **On the form and formats of the psychic transmission and the precipitation of the subjectivity subjected to the structure**

Juliano Fontanari<sup>3</sup>

**Resumo:** O autor, a propósito da clínica, observa como a fixação de mecanismos de defesa e o potencial de subjetivação que impõem (*contrato narcisista*) e limitam (*pacto denegativo*), e a relação destes mecanismos com seus correlatos maturativos evolutivos, perceptivos e cognitivos, são indicativos de depósitos mnêmicos transgeracionais, da história social do humano em seus vários micro (família especialmente) e macro agrupamentos, que precipitam subjetivações para dar conta de problemas do passado, para passar adiante o problema e a tentativa de solução. Nota que, quando os mecanismos de defesa mais operantes têm correlatos maturativos evolutivos próximos da senso-percepção – recusa e repúdio – mais importante o evento para a sobrevivência do social, e mais sujeitada fica a subjetividade à estrutura, de molde a que uma subjetividade ocupe mais de um corpo e, tipicamente, neste caso os operadores de subjetivação agem fixando desde precocemente, mantendo ativo sistemas cognitivos perceptivos dos primeiros momentos de vida. Já, a repressão e a identificação, operando sobre a representação deixam liberdade para o potencial de resubjetivação e criatividade. O mecanismo de defesa dominante usado pelo grupo, *juntos*, é o mesmo que fixou algum evento que precisa ser resolvido e que pode ser datado pelo correlato maturativo evolutivo senso-perceptivo relacionado ao mecanismo de defesa.

---

1 ***Um sujeito é algo que representa um significante para outro significante***

2 Trabalho realizado no Instituto Contemporâneo de Psicanálise e Transdisciplinaridade (ICPT-RS), no Departamento de Configurações Vinculares; Sociedade de Psicanálise das Organizações Vinculares – Rio Grande do Sul, apresentado e discutido na Jornada Interna do ICPT de 2003.

3 Médico, Neurologista e Psiquiatra (com registro no CREMERS), Mestre em Linguística - PUC-RS, Psicanalista CEP-PA, Filiado a Neuro-Psychoanalysis Association, Membro Efetivo e Professor do CIPT.

**Summary:** The author, by the way of the clinic, observes as the setting of defense mechanisms and the potential of subjectivations that impose (narcissistic contract) and limit (denegativo pact), and the relation of these mechanisms with its evolutives, percipient and cognitive correlates maturativos, is indicative of transgeracionais mnêmicos deposits, the social history of the human being in its some micron (family especially) and macro groupings, that precipitate subjectivities to give account of problems of the past, to ahead pass the problem and the attempt of solution. He notices that, when the operatives mechanisms of defense have evolutives maturativos correlates next to the sense-perception - repudiation refuses and - more important the event for the supervened one of the social one, and more subjected it is the subjectivity to the structure, of mold the one that a subjectivity occupies a body more than and, typically, in this in case that the subjectivities operators act fixing since precociously, keeping active percipient cognitive systems of the first moments of life. Already, the repression and the identification, operating on the representation leave freedom for the resubjetivation potential and creativity. The used mechanism of dominant defense for the group, together, is the same that it fixed some event that needs to be decided and that it can be dated by related the sense-percipient evolutive maturative correlates to the defense mechanism.

**Descritores:** Luto, transtorno borderline e representação.

**Keywords:** I fight, borderline disturb and representation.

A vida...

Mário Quintana

"A vida são deveres, que nós trouxemos para fazer em casa.  
Quando se vê, já são seis horas !  
Quando se vê, já é sexta-feira...  
Quando se vê, já terminou o ano...  
Quando se vê, passaram-se 50 anos !  
Agora, é tarde demais  
para ser reprovado...  
Se me fosse dado, um dia,  
outra oportunidade,  
eu nem olhava o relógio.  
Seguiria sempre em frente  
e iria jogando, pelo caminho,  
a casca dourada  
e inútil das horas... Dessa forma, eu digo:  
não deixe de fazer algo que gosta devido à falta  
de tempo.

A única falta que terá,  
será desse tempo que  
infelizmente não voltará mais."

### **Posição atual do problema; sobre as múltiplas vertentes do paradigma.**

O tema deste estudo é basicamente um ensaio em nível pré-teórico sobre como – *a forma*<sup>4</sup> - se transmitem modelos – *as fôrmas* - para contornar o inexorável da passagem do tempo, das horas, expresso com Mário Quintana. Digamos que isto explicaria o *espiritismo*, o *vampirismo*, os *fantasmas*, os *zumbis*... Uma teoria da vida nós já temos. E esta seria a teoria do desligamento, da pulsão de morte e seu processamento, que naturalmente só pode ganhar expressão pela vida – pela tentativa de impedir o desligamento. Assim como o *animismo* é o primeiro movimento da vida, estes outros *ismos* são esforços para contornar o fim dos

---

4 Aristóteles apontou que a *substância* é composta de uma *essência* – a *forma*, *fôrma* – e *matéria*. Usamos a palavra *forma* como *como*, *de que modo* e *fôrma* no sentido de *forma* como Aristóteles. *Substância* são os elementos *necessários* para o ser em oposição aos *não necessários*, os *acidentes*.

tempos. A solução seria simples se uma mente pudesse morar em mais de um corpo. E será que já não é assim? E será que a mente mora no corpo? Será que abandonamos nosso processamento *organismo formiga* – como se fôssemos um organismo só em múltiplos, como se dá com os insetos? Será que deixamos de ser como as bactérias que não morrem, mas que se dividem em duas ou outros organismos que se dividem em vários? E será que existe mesmo esse sujeito que mora na sua voz, sujeito do existencialismo, produto último da filosofia ocidental?

Desde a teoria da libido é sobejamente conhecida a constituição do psiquismo como correlato de zonas erógenas - *anatomia* (fisiologia) *é o destino*. Tal é marcante quanto ao narcisismo com os ideais, quanto ao modo de relação de objeto e a produção de sintomas bem como os sentimentos dominantes são rastreados até estes momentos evolutivos. O argumento das fixações, regressões, está fundado nesta *linguagem* das zonas erógenas, linguagem que só significa, tem sentido a partir destas zonas erógenas, a partir da semiótica, das metáforas e das metonímias que levam até elas. Por vezes não nos damos conta de que estes modos operativos são depósitos mnêmicos de eventos (fixações) ou identificações com figuras primevas (regressões) que, em algum momento, sofreram estes eventos. Por exemplo: Se um modelo familiar se centra na vergonha e constitui um sujeito neste intervalo, nestes limites – ambição, vergonha, sujeira – provavelmente preservou uma memória do passado, onde a solução seria a criação de sujeitos capazes de dar conta do crescimento que faltou. Estes sujeitos, no nível semiótico, podem ser especialistas em produtos de limpeza; se sobrou espaço para a repressão poderão ser ordenadores de leis, observadores e faxineiros da alma. Este crescimento correspondente passa necessariamente pelas demandas do narcisismo secundário dos pais e outras figuras primeiras que comporá o narcisismo primário do sujeito, narcisismo este que é o que o torna sujeito. Estamos falando do processamento de *ideais* e do modo como isto se dá, da *sombra falada*, onde esta contém a fôrma da subjetividade. Ou, por outra, estamos simplesmente tomando ao pé da letra o desenvolvimento da obra de Freud. Se em 1897 Freud descreveu o complexo de Édipo na sua correspondência a Fliess; em 1938, no *Moisés...* Quando de seu Êxodo, supôs que de fato ocorreu o parricídio. Se ele abandonou sua *neurótica*, retomou-a a partir do real no fim de seu tempo.

É claro que fica por responder que eventos serão *fixados* em determinadas zonas erógenas e que eventos, *fixados* numa figura parental, serão *regredidos* num sucessor. Para efeito de clareza

apenas, exemplificaríamos que *o pai paranóico terá o filho regredido para a paranóia e fixado na fobia*. Aliás, isto é bem interessante, pois explica estes passos estranhos que a teoria da libido – salvo melhor juízo – não dá conta. Quantas vezes vemos fóbicos com marcados momentos paranóides. Isto é, estes momentos são tentativas de elaborar fantasias – provavelmente eventos – únicas. Qual a economia destas operações é o que precisa ser respondido. *O consenso parece apontar que todo o problema que não foi resolvido por uma geração passará a seguinte com alguma proposta de solução, embora também a pergunta passe adiante*. E o que não está resolvido agrupamos na palavra *perdas*. Aliás, é sobejamente conhecido para os kleinianos que o que nos constitui como humanos é o luto. O argumento comum é de que as fixações dependem de eventos relacionados à cronologia; algo ocorrido na fase fálica determinará fixações aí; algo ocorrido na latência determinará fixações aí e, como temos fixações em vários momentos evolutivos transmitimos um conjunto de teorias aos nossos sucessores sobre os problemas e os modos de resolvê-los; um pouco, no que se refere às fixações, isto se dá, na área biológica, como o modo como o nosso labirinto dentro do ouvido interno tem um conjunto de teorias sobre a gravidade, sobre o movimento retilíneo uniforme, ou o nosso olho sobre a luz. Não é o mesmo quanto às regressões, pois dependem da identificação com *desejo* do outro. Aí somos claramente desejo de desejo e desejamos que o outro deseje. Então, o mecanismo de defesa, na sua *forma* é uma *fôrma* de subjetividade. São estanques como tais, mas múltiplos nos sujeitos, como sabemos, e também nos grupos, mas sempre há predomínio de algum mecanismo de defesa, tanto no grupo como no sujeito.

Esta fala toda é apenas para reforçar que o sujeito, o ego freudiano, é fundamentalmente social e qualquer teorização tem de dar conta disto. E social significa que devemos encontrar nele elementos de seu micro e macro contexto. O sujeito é construído exatamente como construímos os mitos. Ele é inventado para resolver algum problema do social e, não fosse assim, como daríamos conta de nossa civilização?

Menos discutido são os correlatos senso-perceptivos, maturativos evolutivos, dos principais mecanismos de defesa: As funções do ego tem áreas hipertrofiadas conforme a *estrutura psíquica* dominante. Por exemplo: a histerofobia enfatiza os receptores de distância exacerbando a visualidade; enquanto o obsessivo está às voltas com o preciosismo da linguagem – o imperativo categórico é verbal; o melancólico tem o investimento na face e no afeto que ela expressa... E menos discutido ainda são

a consideração de correlatos cognitivos -perceptivos com os mecanismos de defesa; suas interdependência e similitude, em especial quanto aos mecanismos que operam sobre a representação da senso-percepção – a *Verwerfung* e a *Verleugnung* – em oposição a *Verdrängung* e a *Verneinung* que operam na conexão da representação *com a* e na linguagem - bem como a inter-relação entre a fixação destes mecanismos relacionada a eventos ou a identificação com figuras parentais que usam estes mecanismos, bem como sua estrutura de depósito mnêmico. Desde já alertamos que os primeiros mecanismos distribuem um sujeito em vários corpos –como um morto vivo – enquanto os últimos permitem o construto último da filosofia ocidental – um corpo, uma voz, um sujeito; um sujeito num corpo.

O essencial desta questão é reparar na defesa dominante que esta sendo usada para compor o sistema vincular e que o grupo está usando *juntos*; na defesa usada pelo todo, pelo grupo e a relação com o *sujeito identificado* e a constituição de sua subjetividade. Isto é, pelo reverso, não é possível uma estrutura melancólica aparecer numa família onde o grupo cumpra regras consensuais e não tenha características orais. Pois esta é a defesa usada pelo grupo é a que foi utilizada para fixar o evento e definível pelos correlatos cognitivos a época de maturidade do aparelho psíquico. Mas a defesa que define alguém como doente – o positivado, para usar um termo atual - é a mesma que esta sendo usada pelo grupo. Aqui é imprescindível centrar o problema em torno do efeito da presença; da presença de sujeitos que precipitam subjetivações e resubjetivações. Um sujeito pode ser visto como uma falta a ser preenchida...

Essa falta é o primeiro passo além do nada; primeiro era o *nada* e depois a *falta*; o sujeito vem junto com a falta; qualificar algo de vazio é indicar um lugar que poderá ser preenchido, mas que é como o horizonte; vamos usá-lo para nos guiar, mas não chegaremos lá. Esse sentimento de falta diz que estamos inseridos numa ordem simbólica e recebemos o nosso lugar nesta ordem. Um lugar de falta, um lugar vazio. Se ele estiver completo; não teremos mais o jogo da presença-ausência e tudo estará antecipado que é como fazemos quando usamos mal as teorias, tudo estará auto-engendrado. E teremos conseguido a magia de enfiar um quadrado dentro de um círculo e não sobrar nada. Antes de nos darmos conta da falta éramos nós mesmos que não estávamos lá no começo como os sujeitos que somos atualmente. E agora falando de falta poderemos falar de um vir a ser. O que nós conhecemos como *patologias do vazio* acontecem por um excesso do outro que impõe seus modelos e não deixa espaço para falta nenhuma. São vazios,

mas do sujeito do existencialismo; do sujeito que mora na sua voz. O nome correto deveria ser *patologias do nada*.

De qualquer modo, não ignoramos o entravado onde estamos nos metendo; a tensão epistêmica que estamos tentando compor: Um discurso vem do futuro e é hegeliano – o homem se define pelo seu trabalho; define-se por um possível, um negativo, algo que vem do futuro, uma metafísica, o homem não está no presente, ele *é uma ponte entre o homem e o além homem*; outro que vem do passado, reducionista, com origem na mineralogia em depósitos de minerais em camadas; nos múltiplos estratos do sistema nervoso com Jackson e na casca de cebola de Freud<sup>5</sup>. A idéia de juntar a teoria da libido – um discurso *racionalista* que se propõe a decompor o *eu* feito máquina como queria Descartes com o *humanismo* hegeliano onde o homem não mora no homem – a mente não está no corpo é a contradição que assumimos. Lembremos que a obra de Freud é antimetafísica até 1920. Há outro abelheiro. O problema do aparelho psíquico da segunda tópica e do aparelho psíquico ampliado. Como pode um aparelho psíquico ocupar mais de um corpo? Como opera a pulsão se admitimos espaços inter e trans-psíquicos com seus correlatos intrapsíquicos? E como se coaduna esta idéia com a de um aparelho psíquico em mais de um corpo? São questões da literatura atual.

Mais um vespeiro. Como compor a idéia de historicidade da subjetivação com a de acontecimento? Pois são os fatos, os acontecimentos que criam os seus precedentes. É a persistência de fatos, digamos, que nos obriga a busca de seus antecedentes; é a história de cabeça para baixo. E, finalmente, o problema dos emergentes. *Uma vez que o sujeito esteja constituído ele não pode mais se imaginar, ser, fora dos elementos que o constituíram. O homem é feito pela cultura – linguagem – e é impossível imagina-lo sem linguagem. Uma vez feito ele não poderá voltar a sua história; ele só se explica pelo futuro, não pelo passado. Mas como estudar aquilo que não se vê? Que não se é?*

Vamos, a propósito da clínica, nos ocupar dos correlatos senso-perceptivos dos mecanismos de defesa e seu potencial de depósito mnêmico na transmissão de eventos entre gerações. Este estudo não tem nada de novo; só recorda um conjunto de conhecimentos parcialmente consensuais e ensaia algumas reflexões elementares baseadas em Aulagnier (1975, 1986/1990);

---

<sup>5</sup> Vamos evitar discutir agora a tensão entre o *necessitarismo* neoplatônico e hegeliano e o acaso neoaristotélico; tensão que persiste. E também não vamos discutir se o próprio Platão já não conciliou Heráclito com Parmênides. Um sujeito não é sujeito se determinado pela estrutura como quis Hegel mas só é se for formado pelo acaso, pelas contingências, pelo *contingencialismo*.

Berenstein (1981, 1990, 2001); Berenstein e Puget (1997); Bion (1975/1989, 1992/2000); Bleichmar (1993); Botella e Botella (2002). Digamos que este estudo é simplesmente uma homenagem a *sombra falada* (que também é *sombra* falante) de Aulagnier. Buscaremos ensaiar algumas definições em nível pré-teórico sobre as regularidades estruturais da transmissão psíquica entre gerações.

Para tal vamos considerar os seguintes supostos básicos consensuais, extraídos de Kaës (1989, 1993, 1991, 1993/2001): A transmissão psíquica deve estar relacionada aos mecanismos de defesa (repressão – *Verdrängung*; negação – *Verneinung*; recusa – *Verleugnung*; repúdio da representação – *Verwerfung*; além do repúdio do afeto que deixaria registros no corpo e é típico da estrutura psicossomática).

Estes mecanismos têm uma ontogênese; são maturativos e evolutivos, não ocorrem do nada. Existem pareamentos entre seu aparecimento e o processamento cognitivo-perceptivo, necessariamente. Esses mecanismos de defesa, bem como o processo cognitivo-perceptivo mesmo, devem estar relacionados ao processamento maturativo do sistema nervoso. Um mecanismo que age sobre a percepção tem de estar relacionado ao processo maturativo da senso-percepção. É uma consequência do modelo do capítulo 7 da *Interpretação dos Sonhos*, além de ser evidente; a menos que tenhamos de explicar sobrenaturalmente a transmissão transgeracional. Mas também é verdade que não depende necessariamente da senso-percepção apenas, pois a *sombra falada* vai marcar, enfatizar, o modelo senso-perceptivo ou representativo a ser utilizado.

Temos informações precisas de dados do desenvolvimento e maturativos sobre eventos cognitivos e senso-perceptivos.

A *sombra falada* ao fixar o modelo cognitivo ou senso-perceptivo dominante e o mecanismo de defesa correlato determinará o modo de configuração da *representação coisa*. Será um todo aberto imprimido como um conjunto potencial associado, mas com o limite imposto referido antes, pela *sombra falada*. Mesmo a lógica do primário terá suas características controladas de modo a predominar condensações, deslocamentos, características olfativas, táteis, visuais, auditivas, a parte, o todo.

A coisa em si, o negativo radical de Kaës, nunca será acessível, a *sombra falada* simplesmente toma um *infans* que usa a melhor estratégia de todas - nos obriga a amá-lo - e o constrói sujeito operando sobre, inclusive sua capacidade de sentir.

Segue então as seguintes hipóteses:

- ❖ Logo, pelos correlatos cognitivos perceptivos maturativos e evolutivos, podemos ter alguma idéia das datas, da cronologia em que se desenvolvem os mecanismos de defesa.
- ❖ Se um evento traumático ocorre em dado momento do desenvolvimento, fixará o uso de um determinado mecanismo; já que era o operante; saberemos então a data do evento; naturalmente isto não impede que se transmita um conteúdo pelo simples fato da identificação – mecanismo mais tardio – quanto ao uso de um mecanismo de defesa. Mas, mesmo no transmitido, o receptor se identificará com eventos ocorridos em datas que correspondem ao uso de determinados mecanismos no transmissor. O caso adiante esclarecerá mais a questão.

Este evento traumático poderá estar no registro da *sombra falada* que o imporá ao *infans* ou ser um evento próprio dele – a morte da mãe, por exemplo. Naturalmente a idéia de trauma que usamos depende da intensidade do evento, de sua repetição e da demanda específica do momento evolutivo do sujeito – fator qualitativo do trauma – e, tipicamente, inunda-o e impede a simbolização – repressão – impondo o uso dos outros 3 mecanismos, ou, pior, explodindo o sujeito, atirando-o no real, na coisa em si, no negativo radical de Kaës. Trata-se de uma estrutura intrincada de muitos elementos que, operando juntas, dão consistência ao sujeito, sujeitando-o ao contexto.

Quer isto dizer que os eventos ficam fixados pelo uso de mecanismos de defesa dominantes para o momento em que ocorreram, de molde a preparar o sujeito para o futuro com a informação que o antecedeu. Isto é, as informações em determinados períodos formativos marcam o aparelho psíquico; constituem-no. Os cadáveres, as memórias sobre os ombros dos pais – superego e suas recriminações – tem de passar para os ombros dos filhos, mas, mais freqüentemente, formam, são fôrmas do sujeito para melhor carregar o peso dos mortos – um eufemismo para dizer das lições aprendidas pro nossos antepassados. O primeiro sistema religioso – igual ao dos elefantes – é o culto a memória dos antepassados e é predominantemente matriarcal.

Que momentos maturativos são estes que fundamentam, dão a base para o uso como depósitos mnêmicos dos mecanismos de defesa? Estamos nos referidos a correlatos antecedentes sem os quais não seria possível a existência destes mecanismos de defesa. Para compreensão, estamos tendo em conta apenas o que Freud afirmou no *Sobre o Narcisismo... Que cada órgão do corpo, cada lugar de nosso corpo pode funcionar como zona erógena...*

São os seguintes, em relação à representação *visual*<sup>6</sup> das percepções:

1. A criança<sup>7</sup> até o sexto mês de vida não tem *representação visual* das percepções. Um objeto com o qual ela estava brincando, colocado, na frente dela mesma, embaixo de um travesseiro passa a não existir. Ele desaparece simplesmente e passa a não existir. Existe um momento de transição em que ela deseja algo, mas não sabe o que quer e chora. Mas o objeto que sumiu da sua vista desapareceu. Chama-se a este momento de Etapa da Conservação do Objeto. O conceito de *alucinação negativa*, de *irrepresentável*, de *repúdio* pode ser rastreado até este momento. Um campo interessante de pesquisa seria a definição destes eventos quanto à representação tátil e auditiva. Quanto à representação gustativa e olfativa, observe-se que não nos lembramos, não temos representação do gosto e do cheiro; *só conseguimos nomeá-los na sua presença* e quando o nomeamos numa fala, num relato, como se dominássemos do que se trata, estamos nos referindo ao entorno. O chá que evocava tanto para Proust precisava existir mesmo, mas seu perfume não era lembrado; o que era lembrado era o entorno. É algo que vem da realidade, está no Real e *acorda percepções*. Um desafio seria comparar o que se lembra do rótulo de uma garrafa de Cabernet Sauvignon com o que se lembra do perfume e do gosto<sup>8</sup>. Sensação de prazer e desprazer não vale. Temos de lembrar o perfume da flor de sabugueiro, o achocolatado do carvalho... Não lembramos, mas como é que nomeamos quando o sentimos? Onde estava então esta representação não representada (*irrepresentada, recusada, repudiada*) na memória? Ela não é *representada*; é *apresentada*; na *presença*, evoca! Exatamente como nos vínculos. Este é o tal do Real de Lacan. Já pensaram só quantas *apresentações* podem existir quanto ao tato e a visualidade? De qualquer modo, parece que a consciência, a representação tal como a temos consensualmente como consciente ou inconsciente, é a mesma do sonho: é visual. O sonho opera com imagens visuais embora não deixe de trabalhar com *imagens* auditivas; isto é, transforme a audição em imagens. De qualquer modo é bom lembrar que todo o processamento de cálculo, de resolução de problemas complexos, o sonambulismo – mesmo como realização de desejo como se dá com os bulímicos sonambúlicos que atacam a geladeira – ocorre fora da fase REM,

<sup>6</sup> Vamos evitar a discussão sobre a representação tátil e olfativa. Embora já se disse que *amar é ficar agarradinho cheirando*; o que certamente explica o afeto que temos pelos cachorros...

<sup>7</sup> Criança é o mesmo que *infans*, sem fala, que esta sendo criada.

<sup>8</sup> Freud chama de repressão orgânica ao desaparecimento da consciência do gosto e do cheiro e ao domínio da visão que se dá quando nos tornamos bípedes.

fora de sonhos. Quer isto dizer que o sonho é visual porque relacionado à consciência, mas há muito processamento inconsciente que nos escapa e, também, processamento secundário – como o do pensamento matemático. Sabemos com Freud que o inconsciente pode aceder a consciência por três modos. Repetição de situações traumáticas, restos mnêmicos visuais e através da representação de palavras. Parece que existem mais maneiras e ligadas ao cálculo e ao modo de resolver problemas – por isto eu deixamos que algumas coisas o *travesseiro* resolva. Aqui o lugar dos matemas de Lacan.

Conseqüências verossímeis: a alucinação negativa, a confusão dentro e fora, dia e noite, memória e sonho – origem dos delírios, e a difusão da personalidade com o aparelho psíquico habitando vários corpos remonta a este momento; o que chamamos psicose, caráter neurótico –no entorno do caráter (*Verwerfung* e *Verleugnung*) está a fixação mnêmica não lábil, no entorno do conflito (*Verdrängung* e *Verneinung*), está a 'fixação' lábil, pela identificação.

2. O outro evento importante é o nosso conhecido estádio do espelho. *Estádio do Espelho* designa um momento psíquico e ontológico da evolução humano, situado entre os seis e dezoito meses de vida, durante o qual o *infans* antecipa o domínio sobre seu corpo através da identificação com a imagem de seu semelhante e da percepção de sua própria imagem no espelho.' (Roudinesco e Plon, 1997). Descrito por Lacan primeiramente em 1936, foi desenvolvido em 1938 nos Complexos Familiares e reapresentado novamente em 1949 como o *Estádio do espelho como formador da função do Eu tal como nos é revelada pela experiência psicanalítica*. Em 1911, o notável neurologista inglês Henry Head descrevera a noção de esquema corporal e sua localização funcional no hemisfério direito e Paul Schilder, em 1923, usou a expressão *imagem do corpo* para designar a representação consciente e inconsciente da posição do corpo no espaço. Nesta época vários autores já se ocupavam do tema em diversas áreas - veja-se a descrição do *duplo* por Capgras neste mesmo ano. Dolto, em 1984, separou a representação inconsciente do corpo - *a encarnação simbólica inconsciente do sujeito desejante* - do esquema corporal - *a representação consciente e pré-consciente do corpo*. A idéia de observar a consciência da imagem de si no espelho é de Henri Wallon que, em 1931, deu o nome de *prova do espelho* a uma experiência na qual o *infans*, colocado diante de um espelho, passa progressivamente a distinguir seu próprio corpo da imagem refletida. A composição da propriocepção do corpo em contraste com a imagem - imaginário - a partir da visualidade -

espelhamento - com a impossibilidade de ordenamento da motricidade e do desordenamento da propriocepção, inicia a representação do sujeito no espaço que será investida depois compondo o *self* - a representação do corpo e do si-mesmo no ego. Antes deste momento, temos pedaços de corpos e cegos. Depois, a visão impõe um ordenamento que o corpo - amputado - carregado no colo da mãe, sem pernas - luta por atingir, compondo o primeiro ideal, o primeiro horizonte que jamais será atingido - nunca mais o círculo completará o quadrado! Toda a noção de *estranho* e de *familiar* - *família* - vem deste momento. *Familiar* é algo que foi visto junto com o rosto próprio do *infans*. Esta construção só é possível pela prematuração do nascimento humano - fetalização - objetivamente visto pela pouca mielinização do sistema nervoso central de áreas envolvidas na atividade nervosa superior conforme sustentou o embriologista holandês Louis Bolck.

Conseqüências verossímeis: Bem; todo o *sinistro* dos duplos, os fantasmas, a descoberta do rosto morto e do rosto vivo, o terror do *infans* com os estranhos; nosso horror aos cadáveres vem daí.

Significa simplesmente que até então o *infans* não tinha *representação*; não constava de seu mundo interno - mas tinha *apresentação*, pois conhecia a mãe, dado seu comportamento peculiar em relação a ela - das faces e do corpo do outro. *Este é o momento de individuação dos corpos e o primeiro indicativo de que moramos em nossos corpos que necessitam ser protegidos e individuados; só muito tardiamente virá a noção de que o sujeito está onde sai a voz; o sujeito habita o flatus voces*. Daí os delírios com alucinações serem predominantemente auditivos; vozes sem corpos; o horror de vozes, ordens, palavras sem corpos. O horror as nossas secreções pode ser rastreado provavelmente a datas próximas. Cuspa numa mão e tenta lambe-la no instante seguinte. Curioso não? Lave a mão cuspa de novo; não adianta o nojo continua. Vejam pelo que a sexualidade tem de passar - sistemas de proteção do corpo - para que um beijo fique gostoso. E há quem diga que repressão não é um conceito importante! E, pior, há quem diga que não tem base biológica!

3. Os momentos seguintes dependem da imersão do sujeito na linguagem e abrange o período do primeiro ano até o quarto ano, quando a fonologia esta quase toda adquirida - a partir do terceiro ano o *infans* está regulado pela linguagem; ele obedece a comandos, submetendo seu desejo ao desejo do outro. Este é o momento da repressão. Estamos às voltas com um mundo interno e com o estabelecimento da submissão do sujeito - domínio, amansamento das pulsões - ao social e familiar. Aliás, diz-se classicamente que um deficiente mental tem uma deficiência

severa, grave (em oposição a leve e moderada) quando ele não esta regulado pela fala do Outro.

4. Outro momento notável demonstrativo do estabelecimento pleno dos fundamentos formais que depois permitirá a fixação das tonalidades da repressão ocorre no entorno dos cinco anos e é bem evidenciado pela *Prova de Dennet* – a intersubjetividade e nossa submissão a ela esta fixada; nunca mais seremos os mesmos, estamos definitivamente indexados ao desejo do outro – contra ou a favor, mas indexados. O *infans* descobre que o outro tem uma *intenção*, um modo de ver o mundo. O teste consiste em, diante de duas crianças, colocar um bonequinho numa gaveta, daí se retira uma delas da sala e muda-se o bonequinho de lugar – troca de gaveta; e pergunta-se para a criança que ficou na sala onde a outra que saiu vai procurar o bonequinho quando voltar. Aos quatro anos as crianças respondem que o bonequinho será procurado onde ele de fato ele está atualmente – depois da modificação de gaveta. Aos cinco anos a criança consegue se por no lugar da outra e responde que ela irá procurar o bonequinho no lugar onde estava quando a coleguinha saiu. É a ausência (ou não valorização) deste *sentimento* de que o outro tem uma intenção (ou intensão que é o mesmo que extensão interna) que caracteristicamente dá o tom que nos permite caracterizar alguém como narcisista ou, mais grave, autista. Por isto que a noção de *forclusão*<sup>9</sup> de Lacan é melhor que a de repúdio ou rejeição; a forclusão denuncia uma falta; a falta do nome do pai que, impondo a lei, leva ao reconhecimento do mundo interno de si e do outro.

---

<sup>9</sup> Segue abaixo como usaremos estes conceitos extremamente complexos, segundo *Laplanche e Pontalis* (1988): *Desestimação, rejeição* ou *repúdio* - da realidade, da memória da realidade, da representação da realidade - *forclusion* em francês, *repudiation* em inglês, *repudio* em espanhol e *Verwerfung*, operação que precede necessariamente a constituição de um delírio. *Desmentida, recusa* da realidade, da memória da realidade, da representação da realidade - *dénégation* em francês, *disavowal* em inglês, *renegación* em espanhol e *Verleugnung* em alemão e opera sobre a representação e sobre a senso-percepção essencialmente, borrando a diferença de sexos, de gerações, limitando a percepção de eventos. *Repressão* (supressão), recalçamento ou recalque, *refoulment* em francês e traduzido como recalçamento no português (de Portugal), *repression* em inglês, (*represión* em espanhol e *Verdrängung*) o mecanismo fundamental das neuroses. Mantivemos a expressão **denegado** em **pacto denegado** em atenção a tradição específica da obra de Kës. Aí, o **denegado** refere-se aos mecanismos que agem sobre a senso-percepção, recusando e rejeitando (forcluindo). O conceito de forclusão, desenvolvido por Lacan, é mais complexo que o de rejeição, repúdio. No conceito de forclusão, está contido que não aconteceu a castração simbólica; o terceiro não se instituiu como o nome do pai. Isto é, antes da rejeição, a forclusão enfatiza a falta. O nome do pai, como o significante rejeitado, forcluído, bloqueará as matrizes representativas no psiquismo relativo à lei, a ordem simbólica.

Conseqüências verossímeis. Toda a patologia narcisista no sentido de Kohut esta aqui. A empatia, os transtornos narcisistas de personalidade e a distinção com o borderlines. Os primeiros não perderam a esperança de encontrar o olhar da mãe, um olhar que o guie para o seu desejo. É o nome do pai que manda refazer a busca fora do imaginário, que impede a repetição, se não dá a vida como faz a mãe, enterra os mortos. Os borderlines, vazios estão perdidos sem destino, não tem mais o destino do olhar da mãe.

5. É dessa combinação de *Verwerfung*, *Verleugnung* e *Verdrängung* que acontecem coisas maravilhosas com as crianças (e há quem diga que estas defesas não são evolutivas!) Por isto que as crianças não querem que ninguém diga que eles têm de ir ao médico e tomar remédio. Porque as palavras que saem na fala dos pais os adoecem, deixam-nos gripados. Prova viva da sombra falada. As palavras dizem o que poderá acontecer. Mesmo essa decomposição bioniana do aparelho da senso-percepção e memória decorrente do ataque ao ego, em que um gravador fica falando aqui, a televisão observa lá; mesmo isto é adquirido, construído, evoluí. Mas note-se que a linguagem é um instrumento para algo, para a denúncia de uma decomposição, um cisalhamento, mas é bem posterior à noção de que se é. Aliás, por isto que os autistinhas não têm linguagem. Eles, como não são, não precisam usá-la. Na verdade, eles não são em seus corpos, estão em muitos corpos e não são sujeitos, pois a fala – fala da *sombra falada* - não os atravessou. É por isto que as crianças quando brincam de esconder só fecham os olhos e acham que não serão vistos por ninguém! Nas brincadeiras de esconder objetos ficam sempre perto do esconderijo e às vezes vão dar uma olhadinha lá pra confirmar se o objeto esta lá mesmo! Mas, atenção, eles já são bem antes do olhar! E acham que estão em todos os lugares, em todas as mentes. Repare que o *infans* antes de qualquer coisa, já é um todo e que se põe a organizar as partes. Mas repare o momento limite em que a criança se confunde com o mundo, não sabe o que é dentro e o que é fora, o que é sonhar e o que é acordar, o que é noite e que é dia.

Provavelmente a tensão entre o *necessitarismo* neoplatônico e o *contingencialismo* aristotélico; estas duas grandes teorias poderiam ser rastreadas a estes momentos evolutivos. No *necessitarismo*, alguém nos regula (os pais) e no *contingencialismo* somos constituídos também pelo acaso.

Finalmente, sabemos bem com Freud que todos estes mecanismos operam juntos e o tempo todo, sendo dominantes em alguns momentos e em outros não. É que as estruturas são definidas apenas pela predominância do uso de alguns mecanismos

sobre os outros. Sempre é bom lembrar que o terror sem nome que o psicótico sente quando o forcluído vem do Real é sentido por sua parte neurótica – estabelecida pela repressão; isto é que reconhece um lugar seu no familiar, no social e na intersubjetividade.

Uma consequência epistêmica grave desta argumentação – hegeliana – é que o parêntese psíquico está ampliado para vários corpos; este aparelho não está dentro da cabeça de uma pessoa só.

Naturalmente, isto cria complicações notáveis para o conceito de pulsão, por exemplo.

Bem, isto posto, admitimos que a *forma* da transmissão psíquica esta composta; temos o domínio de alguns mecanismos psíquicos e sua relação com momentos neurobiológicos inequívocos. Para ser mais claro; como se nota da argumentação, sempre que a *recusa* e o *repúdio* forem dominantes, o transmitido precisou operar precocemente; é algo intenso e importante para a evolução da espécie, das estruturas vinculares e *pode incluir inclusive a não subjetivação de alguns corpos para justamente manter um sujeito, um mando, um modo operativo, em mais de um corpo*. Isto é o que chamamos simbiose, psicose, distúrbios de conduta, adições... Bem mais complexa é a transmissão pela repressão, pois, tipicamente, exige como dominante o processo identificatório. Isto é, a subjetivação agora esta menos marcada pela forma e, colorida pelo conteúdo, torna-se mais lábil para ser permeada pelo acaso, por eventos, por acontecimentos e poderá se fletir (refletir) sobre si mesmo e se modificar. É claro que sempre terá um fantasma – algo recusado ou repudiado – mantendo de fora, ajudando a repressão e compondo o sintoma fóbico típico das histerofobias, por exemplo. O superego nunca será plenamente interno; ainda mais nas mulheres como diria, provavelmente, Freud. Provavelmente o núcleo da transmissão da cultura vai ocorrer por via identificatória e a partir do que o *infans* vê acima dos ombros dos pais, acima dos ombros da autoridade. O que vai interessar é o cadáver que pesa sob os ombros conforme Zaratustra. Como disse Bertrand Russel, nenhuma *verdade* pode ser *garantida* por uma *autoridade*. A verdade não se garante pela autoridade.

Afinal, que eventos se fixam para serem transmitidos?

Temos, então, as seguintes hipóteses possíveis:

Tudo é transmitido. Não perdemos informação; apenas existem modos mais ou menos eficazes de transmissão – a escrita nos compôs como homem *civis* e a internet (transnet) nos comporá como o quê? O modo dominante de transmissão é a identificação. Quanto mais importante para a manutenção da vida do corpo, quanto mais traumático – no sentido já referido – o evento vivido pelo *infans* – a morte da mãe, por exemplo – mais ele determinará a fôrma do aparelho psíquico – aqui é fundamental uma teoria da autoconservação e do poder – e mais limitará a liberdade psíquica do sujeito – de modo inclusive a dessubjetivá-lo ou a não subjetivá-lo (forclusão típica). Tudo o que o aparelho psíquico da *sombra falada* necessitou *repudiar* comporá predominantemente o narcisismo primário do sujeito e determinará a distribuição da libido, os investimentos e as composições das várias barreiras, limites do aparelho psíquico. A morte da mãe do *infans*, como veremos num de nossos casos, determinará no *infans*, na data que tinha o aparelho psíquico da mãe e ocorreu o evento, a formação de uma fôrma que fixará o uso de um modelo cognitivo que opere cego, ou que se proteja o tempo todo de eventos traumáticos. Isto especialmente se não for operativa a função paterna. Green (1990), sistematiza o trabalho do negativo como decorrente das funções de três barreiras, três limites, que definem quatro territórios, o limite entre o soma e a psique, barreira psicossomática onde, neste limite, ficaria o inconsciente da primeira tópica; o pré-consciente, que separa o consciente do inconsciente e o a barreira perceptual que separa a consciência do meio externo. As funções – trabalho do negativo – que compõem, constituem estes limites são *a repressão, a clivagem, a negativa, a rejeição... De que se trata? Trata-se em tudo isso, das diversas maneiras de dizer não* (p78). Bom, o que é transmitido então é um problema e a solução. É um problema mal solucionado ou, como quer Popper, uma *conjectura* (a última hipótese, a última formulação do problema) e a última *refutação* (o que a hipótese não conseguiu resolver, não conseguiu abarcar). O trauma maior é a exposição humana ao desamparo – a ausência<sup>10</sup> de uma *sombra falada*, qualquer uma – que tipicamente se dá no luto. No luto o que é transmitido é um não ver (alucinação negativa) e um delírio sobre o luto – sempre luto

---

10 Lembro de um menino que vivia acorrentado pelo pai ao pé de uma cama e quando o Conselho Tutelar foi libertá-lo e levar o pai para esclarecimento e providências entrou em desespero, em terror pois ficaria sozinho...

patológico, exatamente como nos sistemas religiosos que aí estão para negar a morte. Alias, exatamente como se dá com nós; lembremos que para Klein, o que nos torna humanos é a nossa capacidade de luto. E o sofrimento se dá sobre a parte neurótica; onde opera a identificação com o analista. Se fôssemos interpretar a ordem de Deus pra que Abrão sacrificasse Isaac e sua relação com o abandono de Ismael ordenado por Sara, teríamos o negativo – a ordem como um delírio – constituinte de toda civilização judaico-cristã. O delírio – como convicção, irredutibilidade - é fundante para o caso. Note-se o problema da paternidade e a falta do nome do pai na origem de nossa civilização; Abrão negou o nome do pai a Ismael. Kierkegaard pergunta o que teria acontecido se Abrão se negasse a matar Isaac ou se tivesse sacrificado algo sem a ordem de Deus? Isaac teria descido a montanha sem fé. Isto é, sem delírio. Só que, sem delírio, não seria humano. É a tramitação, a elaboração entre os sistemas do reprimido, do recusado e do repudiado, onde se inclui o repudiado para o corpo que compõe a forma onde se dão os depósitos mnêmicos sociais inconscientes.

Note-se que quando incluímos o repudiado noutra e sua função de constituição do social estamos ampliando o parêntese psíquico que sai do corpo - um aparelho psíquico pode habitar vários corpos, normalmente inclusive – com todas as complicações epistêmicas e pulsionais que daí decorrem.

A base teórica última para estas hipóteses está em Hegel (Kojève, 2002) com a idéia da negatividade (Matus, 1997, Penot, 1992, Guillaumin, 1989; Green, 1993, 1990). Desde Kant sabemos que o homem só se define pelo possível; nada há no real ou pulsional que o possa defini-lo. Estas idéias vêm lá do mito da caverna de Platão. Hegel demonstra que o homem só se define pela negatividade; nada de objetivo pode dizer dele; só se define pelo seu trabalho; esta sempre no futuro; é o desejo de um desejo. Devemos a Lacan (1985) a introdução destes temas na psicanálise.

### **Problemas conceituais e definições; sobre o cisalhamento normal-doença e a transmissão.**

Como nos ocupamos de *doença*, nossa amarra social, nossos ganhos e recompensas narcísicas estão indexadas na nossa tarefa de cuidar, entender, esquecemos que a transmissão psíquica entre gerações é uma necessidade óbvia de nossa condição humana. Esta transmissão se dá de vários modos – consciente e está em todas as bibliotecas (mundo 3 do Popper) e também em toda nossa história educacional (quando o mundo 3 interage com nossas mentes, o

mundo 2 de Popper). A linguagem mesma já contém em si informações que nos levam a ver o mundo; a ela estamos sujeitados e ela nos constitui como sujeitos de um momento, de um tempo para um futuro. Nela está contida a informação de como devemos ver o mundo; podemos mudar muito disso, mas veremos antes, como manda a linguagem. Digamos que se não existissem olhos e ouvidos para ver e ouvir o mundo, a questão de se o mundo existe ou não, não existiria – e esta autoconsciência dependente de sistemas mnêmicos culturais – já que a consciência não tem memória de si mesma – é o traço que nos tipifica como humanos. Estes conceitos de *eu* e *sujeito* são construtos históricos, modos operativo da consciência. Mas, e esta é uma hipótese forte, assim como suspeitamos hoje que as aves já foram dinossauros, uma quantidade enorme de informações históricas (subjetivamente construídas), estruturais (determinadas por sistemas vinculares ou biológicos) ou de acontecimentos (eventos não previstos) subsiste em vários sistemas mnêmicos. Alguns desaparecem do conhecimento consciente por razões de poder – senhor e escravo, onde se exige que o escravo seja desobjetivado.

Para ficar claro, vejamos uma situação simples. Todas as etnias têm sistemas específicos de funcionamento que permitem que se as caracterizem como tal. Os vênets (hênetos) há 150 anos aqui no Sul, têm na sua história um longo processo de resistência à assimilação romana; fundaram Veneza – que tem a mesma raiz grega que os vênets, que quer dizer *ir, vir, migrante*. Uma característica desta etnia é a linhagem matriarcal explícita na adoração a divindade Reithia, deusa do povo Reto, Justo que é como eles se denominavam. Depois de milhares de anos de escaramuças, foram dominados pelos romanos, mas, por milênios, persistiram com seus planos de autonomia e por trinta anos sobreviveu a experiência da *República Sereníssima do Vêneto*. *Sereníssima* correspondia ao sistema de governo autônomo anterior de milênios e que remetia a Reithia. O que vemos no Sul? Um culto manifesto predominante matriarcal, oral em que as divindades menores – as maiores são romanas – são santas. É enorme a variedade de santas da Serra Gaúcha. Outras características venetas – venezianas – como a desenvoltura em negócios – Reto, Justo – não importa, por curioso que fosse, ora discutir. A *mama* italiana do norte (vêneta) esta em oposição ao patriarcado mafioso siciliano, romano. Naturalmente, este exemplo, assim mal posto, reducionista e discutível, vale para todas as culturas, mas esta aqui posto, sobretudo porque permite um distanciamento – já que não é o nosso caso – que nos faz notar como está presente, como persiste, como não desaparece uma dada característica. Aliás, o

lugar matriarcal persiste mais ou menos manifesto em todos os sistemas étnicos. Este parece ser um fundamento para a existência da *Cultura* e, claramente, uma propriedade em comum com a *Vida*. Logo, o que é transmitido é o luto – o processo, o labor, o trabalho, a atividade, a tarefa - de dar conta de perdas e, para dar conta, da perspectiva de um discurso pulsional, deste problema é fundamental reposicionar mais centralmente a pulsão de poder, de domínio. Afinal de contas, Laio *mandou* matar Édipo; Jocasta não teve *poder* para impedi-lo (se é que queria fazê-lo) e alguém *executou, cumpriu, obedeceu* a tarefa; malograda. Mais claramente, o que é transmitido não é uma representação, é um afeto, uma moção, um movimento, um modo de se mover, daí a relação com as moções libidinais. O afeto, como sabemos não tem representação – opomos sempre o *pensar* ao *sentir*. Os afetos são contaminantes, contaminam, são analógicos.

Assim como a mente é um emergente do cérebro; o encontro de mais de um cérebro cria novos emergentes; isto é, assim como não encontramos nem no hidrogênio, nem no oxigênio as propriedades da água, não encontramos no cérebro as propriedades da mente. Quando nos reunimos com alguém, isto já cria um novo emergente. Parece que estamos examinando a mente de outra pessoa ou que estamos sendo examinados, mas estamos imersos em algo que esta acontecendo, sendo criado. Algo novo, adiante, que não pode ser explicado pelo que estava antes.

O fenômeno *da comunicação imperceptível* é um problema correlato ao da transmissão transgeracional. Horizontalmente, o comunicado depende do modo como operou os mecanismos de defesa, e sua repercussão conseqüente na gênese e escolhas de modelos de compreensão do humano. Isto é, a comunicação imperceptível determina o modelo que usaremos para compreender um dado paciente, o modo como escolheremos modelos classificatórios dos pacientes, onde se inclui o uso de termos como repressão, recusa... Isto se dá através das contra-identificações, contra-transferência e determinação do sistema de memórias encobridoras com a conseqüente descrição de quais mecanismos de defesa serão operados. Isto é, dizer comunicação imperceptível e descrever o inconsciente e o pré-consciente é parecido, o discurso é francamente analógico. Ora, esses elementos apontam para a importância da função do erro – problema nunca discutido - em psicanálise, isto é, a função da contra-identificação no processo terapêutico, tomada em sentido pleno e incluindo as contra-ataques. Estes dados nos obrigam ao exame das redes estruturais onde estamos presos e que nos tornam sujeitos, nos regulam, e das principais produções coletivas humanas, em especial os mitos.

Nosso estudo então se ocupa de uma parte deste todo e que é responsável por parte do corpo de conhecimento que chamamos de psicopatologia. Isto é, aquilo que chamamos adoecimento é parte de um sistema mnêmico cultural (lato senso, incluindo estruturas familiares), contido num e comendo um sujeito, sujeitando um ser, que poderia devir de outro modo, ser outro sujeito, sujeitado a outra estrutura. O *paradigma*<sup>11</sup> comunicacional parece ter sido a última herança de Freud, evidente no seu interesse pela a telepatia.

*Como teria persistido na mente do povo judeu que um dia possuíram um pai primevo e o assassinaram?’(Moisés...) reações a traumas precoces não se limitam estritamente ao que o próprio indivíduo experimentou, mas... se ajustam muito melhor ao modelo de um evento filogenético...’...Disse da herança arcaica<sup>12</sup> ...esse problema levanta a questão de saber sob que forma a tradição operante na vida do povo se apresenta, questão que não ocorre nos indivíduos, visto que aí é solucionada pela existência inconsciente de traços mnêmicos do passado (p114). ‘Em minha opinião, existe, a esse respeito, uma conformidade quase completa entre o indivíduo e o grupo: também no grupo uma impressão do passado é retida em traços mnêmicos inconscientes...(p115). No Totem e Tabu (1913):*

*‘Ninguém pode ter deixado de observar, em primeiro lugar, que tomei como base de toda minha suposição a existência de uma mente coletiva<sup>13</sup>, em que ocorrem processos mentais exatamente como acontece na mente de um indivíduo. Em particular, supus que o sentimento de culpa por uma determinada ação persistiu por muitos milhares de anos e tem permanecido operativo em gerações que não poderiam ter tido conhecimento dela. Supus que um processo emocional, tal como se poderia ter desenvolvido em gerações de filhos que foram maltratados pelos pais, estendeu-se a gerações novas livres de tal tratamento, pela própria razão do pai ter sido eliminado. Devo admitir que estas são dificuldades graves e*

---

11Paradigma, para Kuhn (1978) é a maneira como uma teoria se propõe a resolver algo aceito como problemático pela comunidade científica. O termo refere-se tanto ao problema como a solução (a teoria). A palavra ‘paradigma’ foi cunhada por Platão e ainda é usada com um sentido que lembra *metáfora*, junto com *sintagma* que lembra metonímia.

12Sem se referir à palavra *mito* ou a *arquétipo*.

13Interessante que o texto onde estão estas idéias, por vez primeira na obra de Freud mas fundamentais na obra de Jung - *Totem e tabu* - tenha sido escrito durante a ruptura de ambos, que se prolongara de 1912 a 1914, conforme Grosskurth (1992).

*qualquer explicação que pudesse evitar pressuposições dessa espécie seria preferível (p187).*

*Quais são as maneiras e meios empregados por determinada geração para transmitir seus estados mentais à geração seguinte?(p187).*

*...Pois a psicanálise nos mostrou que cada homem possui, na atividade mental inconsciente, um aparelho que o capacita a interpretar as reações das outras pessoas, isto é, a desfazer as deformações que os outros impuseram à expressão de seus próprios sentimentos (p188).*

Esta foi a tarefa legada por Freud. Klein adentrou o fenômeno identificatório e apontou um mecanismo - identificação projetiva - com potencial de responder a pergunta. Lacan e Aulagnier são os fundamentos dos autores que trabalham com transgeracionalidade. Quaisquer deles recusou a simples herança biológica, com o sentido lamarckiano<sup>14</sup> do termo de que sabemos Freud adepto. Jung esteve às voltas, a sua maneira e ao longo de toda sua vida, com o mesmo problema no conceito de *arquétipos*. Bion, no *Experiência com Grupos (1961)*, tentou explicar numa teoria como as doenças físicas tinham representação mental e grupal e que peculiaridades de dados grupos permitiriam identificá-los como mais propensos a dadas doenças! Demais, toda sua obra está engajada na comunicação no par analítico. É notável como os autores estão às voltas com o problema da gramática das identificações mediada pelos vínculos inconscientes

## **Sobre a clínica**

Vejamos então a clínica e como estas regularidades podem operar. É claro que o que está dito acima é um modo simplesmente de dizer o que será dito na clínica – digamos que é como se o cachorro corresse atrás de seu rabo. Verdade; não temos como fazer um modelo que ensaiasse a tentativa de refutação do que está dito; por isto nossa visada é pré-teórica. Fica o desafio para alguém criar um modelo que permita a contestação, refutação destas idéias. Afinal de contas; o simples fato de as coisas fazerem sentido não as torna verdadeiras. Além disso, temos um fantasma que nos arrodeia o tempo todo, e que é próprio do modo operativo do recusado e do

---

<sup>14</sup>Lamarck sustentou a transmissão hereditária - genética - dos caracteres adquiridos pela influência do ambiente.

repudiado, o *delírio de insight*. Precisamos sempre de um terceiro pra nos contrastar – o nome do pai. Vamos a vinheta clínica e evitaremos as classificações pela CID X e DSM IV e nos fixaremos no exercício psicanalítico. Trata-se de um exemplo em que o processo identificatório com mecanismos primitivos opera para manter uma história que obriga a morada de um aparelho psíquico em vários corpos.

*Trata-se de uma pessoa (K) com longo tempo de atendimento e com uma quantidade enorme de dados coletados a seu respeito. Ele tem a convicção de que se comunica de um modo especial com as pessoas e que cada gesto, cada coisa que a pessoa faz significa alguma coisa<sup>15</sup> e esta constantemente se comunicando com as pessoas. A comunicação é traumática, isto é, sempre produz terror por atira-la ao Real e indica a inundação do aparelho psíquico pelo trauma; sexual sádica ou o anúncio de uma morte. Seu senso de fragilidade do real é notável – a qualquer momento poderá cair um pedaço do céu – e a noite vive num lugar maravilhoso e faz coisas notáveis – escreve livros, tem noites de luxúria, distribui conhecimento que contribuem para a ciência - e de dia enfrenta uma vida terrível e com horror ao lixo, secreções, excreções e cadáveres de animais e insetos. De repente ao olhar um quadro, uma pintura, a posição de um membro de uma figura humana e aparece o delírio; o indicativo de que há alguém muito doente, ou que já morreu e a família esta lhe poupando da informação. Um pequeno ferimento no dorso da mão de uma criança é a comunicação de que um familiar esta em quimioterapia para leucemia e o horror que daí decorre. Naturalmente, sua distinção de sexos é pobre para dizer o mínimo; envolveu-se com uma pessoa que depois descobriu que era homossexual e teve um momento delirante em que achou que pertenceria ao sexo feminino. Temos então as defesas da recusa e do repúdio, mas temos também a repressão. Relatou o cansaço de andar com dez quilos de argila para cima e para baixo para dizer de sua constipação. Este sistema operativo metafórico é típico da repressão. Mas a repressão esta mais manifesta no terror que o*

---

15 Fiquei preocupado com isto pois este paciente *transforma em alucinoso* e está submetido ao desejo do outro e sabe que sou Mestre em Lingüística – isto é de domínio público – e preocupado com pragmática, que é o modo como se gera sentido pela interação do dito com o contexto; gesto.. etc... Boa parte da compreensão deste momento do caso circulou por esta mistura, esta falta de limites das subjetividades; diríamos pelo problema no nível do momento definido pelo Teste de Dennet e da Conservação do Objeto. Bion distingue as transformações em moção fixa (do obsessivo); transformação em K (sentido de um conhecimento) e a transformação em O; em que se insere com K a experiência emocional vivida.

*retorno do forcluído provoca; não houvesse repressão, vínculo social e não haveria terror e busca de ajuda.*

Pois bem, temos aí fragmentos do caso. A evolução foi satisfatória com o atendimento individual, mas, como disse Kohut, este parecia um daqueles pacientes que depois de muitos anos de tratamento parecia não mudar significativamente, mas simplesmente se mantinha em tratamento; parecia ter perdido a esperança de encontrar o olhar da mãe, mas sequer odiar – como ocorre com os *borderlines* – conseguia. Mudei o *setting*, alterei os parâmetros e iniciei o atendimento vincular dele e de sua mãe, com a esperança de introduzir toda a família no tratamento. Não esperava dados novos, mas sim *a experiência emocional vivida* de fatos já sabidos.

*A experiência emocional que precisava ser acessada era a da morte súbita, aparentemente enquanto dormia, do avô materno quando a mãe tinha nove meses – lembre-se da etapa de Conservação do Objeto - e a avó estava em início de nova gravidez. K tem uma irmã com esta diferença de idade. Quando a avó morreu, a mãe de K desenvolveu quadro depressivo severo e necessitou medicação.*

O motivo deste relato é este: *A coincidência entre a forma usada na transmissão – o repúdio como constitutivo do aparelho psíquico de K – e seu preenchimento com o delírio – o anúncio da morte – como correspondente ao momento evolutivo psicobiológico da mãe de K.* Pois bem, qual o tema do tratamento vincular? Luto. O pai de K já avisou; só participaria do *tratamento para ficar calado*. Se fosse, seria para não transformar nada em palavras! Veja-se a ausência do nome do pai.

*O tema dos primeiros encontros é luto.. luto.. enterro.. estão sempre vestidos de preto; ou podem ser compostos como uma pessoa de preto. Mas K conseguiu ir num enterro; tinha verdadeiro horror a cadáveres.<sup>16</sup> Mas este material só apareceu quando do tratamento vincular; não antes; antes só aparecia um aparelho psíquico que funcionava com o repúdio e o delírio da ameaça constante da morte.*

Aqui uma nova questão. O aparelho psíquico de K funcionava parasitado pelo aparelho psíquico da mãe de modo que só poderíamos entender que se passava se passava se ampliássemos o

---

<sup>16</sup> Importante lembrar que o primeiro tabu como nos mostra Freud e Cassirer deve ter sido o de tocar um morto.

aparelho psíquico de jeito a que ele habitasse dois corpos. Também podemos entender pelo reverso; as dificuldades de K na sua vida parasitavam o aparelho psíquico de sua mãe.

Mas aí ficamos com a pergunta? E de quem era este aparelho psíquico assim ampliado?

*Ocorreu então mais um encontro que confirmou a idéia de um aparelho psíquico ampliado. A mãe de K estava extremamente irritada, pois ela e o marido foram enganados por uma pessoa que construiu uma casa ao longo de um ano e a casa saiu toda errada – toda, bem entendido – não havia nada que estivesse certo. Ao longo de um ano ninguém viu que algo estava errado. Esta alucinação negativa que já operava nos aparelhos psíquicos continua operando. Fica demonstrado que a alucinação negativa operante em K é a mesma do grupo familiar. Se soubéssemos qual é a defesa dominante do grupo familiar poderíamos afirmar o reverso: existe um positivo operante predominantemente com esta defesa.*

Bem, aqui já temos problemas metapsicológicos suficientes. Fica a questão de, desde que a alucinação negativa – repúdio – já operava antes, o que não estava sendo visto do passado? Seria fácil dizer: um crime; mas não sabemos. Devemos perguntar também o que não estamos vendo.

*O tratamento vincular trouxe a tona outro evento interessante... dorme de portas abertas e a mãe de K grita á noite chamando seu pai (falecido) num misto de horror e erotismo. E, incrível, criam lagartos que moram embaixo de uma laje nos fundo do pátio e se alimentam de restos...*

Vejamos mais um caso.

*L depois de longos anos de doença física de causa mal definidas e múltiplas cirurgias, fez uma crise psicótica- mania disfórica com delírio místico religioso – com tentativa de suicídio grave; foi internada e ficou dois anos em atendimento individual com mau resultado; persistia agorafóbica, jamais ficava só e anedônica, com adinamia e lentificação psicomotora severa e poli-medicada. Em face da história familiar e a compatibilidade entre a clínica e o transgeracional, propomos atendimento vincular. Havia circulação intensa de controle, ódios e necessidade da presença constante das pessoas juntas na estrutura familiar. Uma geração antes ocorrera*

*três mortes num mesmo dia de familiares, todas relacionadas a ciúmes. Funcionara até então como o corpo morto depositários de lutos e amputações, mas precipitou a crise psicótica, com delírio místico no momento de ciúmes pelo namoro da filha.*

A evolução com o tratamento vincular de três gerações foi interessante, até que a pessoa mais velha teve de abandonar o tratamento, pois não se sentia bem pela emoção evocada.

Vejamos mais um caso.

*M é um paciente de longa data, com transtorno bipolar, transtorno obsessivo-compulsivo e transtorno da ansiedade generalizado, submetido a privações precoces, perda da mãe, abandono e criado em instituições, dificuldades matrimoniais e atualmente casado com uma pessoa com história semelhante a sua. O sistema operativo do casal é o cuidado que se dispensam; um dos filhos apresenta sintomas abdominais e tem sua ingestão alimentar regulada pela mãe. Não entendem o fracasso escolar dos filhos e a passividade deles.*

O que é que se transmitiu e fixou as subjetividades? A necessidade de ser cuidado, o sentimento catastrófico de desamparo, expressado na alimentação ao filho esquizóide.

Vejamos um último caso.

*Tratamento vincular de uma senhora com 65 (A) anos e sua filha com 44 (B). A indicação é a tentativa de resultado mais efetivo do tratamento de B que já fizera tratamento individual por 9 anos. B é definível como transtorno borderline de personalidade, tipo impulsivo onde é bem evidente a afirmação de Akiskal da ciclicidade que permitiria enquadrar, no Eixo I, estes pacientes como transtorno bipolar tipo II; (tem transtorno da ansiedade generalizada, longos episódios de anedonia e pânico com agorafobia e conduta impulsiva quanto ao abuso de álcool). Teve várias tentativas de medicação com reguladores do humor (carbamazepina, lítio, oxcarbamazepina, ácido valpróico), ansiolíticos e antipsicóticos e curtos períodos de antidepressivos. Manteve-se trabalhando e estudando, mas não conseguiu acessar uma rede vincular adequada.*

*B tem baixíssima tolerância a frustração e se há alguma experiência emocional que lhe é extremamente dolorosa e precipita a fúria narcísica com impulsividade é a frustração. Outro modo de contorna-la é a dissociação com idealização e denigramento rápidos,*

*especialmente na experiência de ciúmes e a mentira, estruturada no ódio acaba por precipitar o afastamento da realidade. Abandonou o tratamento num momento hipomaniaco, mas logo desenvolveu pânico com agorafobia e retornou, mas propus atendimento vincular com a mãe – viúva há doze anos – com quem vive no mesmo apartamento dos pais, junto de um irmão mais velho dois anos, divorciado duas vezes. B é a segunda de uma prole de quatro, segue-se um irmão com um ano de diferença, que foi dado para a sogra para ela não ficar sozinha, pois se desentendia muito com o pai – fazem aniversário em dias de diferença – e uma irmã com cinco anos menos. O irmão dado referido é casado tardiamente e a irmã menor decidiu não ter filhos, é casada e tem enteados. O que segue é a tentativa de relato do tratamento vincular.*

*Como era típico do atendimento anterior – ausências muito freqüentes e atrasos sistemáticos que persistem atualmente, minorados. – continuaram. Não pude manter a consigna de que só atenderia as duas juntas – não é fácil deixar uma senhora aguardando na sala de espera – e logo percebi que B desejava afastar a mãe e utilizar a combinação, pois como ela não vinha, não haveria atendimento; abandonaria o tratamento ou o retomaria só, coisa que já não resultou efetiva. Resolvi atender quem chegasse. Logo A – a mãe – também começou a faltar. Isto estava bem expresso no tempo familiar – as pessoas da casa não se encontravam praticamente e também nos espaços da família – havia um descentramento quase em triângulo da disposição dos quartos, mas freqüentemente B dormia com A no mesmo quarto de casal, no lugar do falecido. O nome de B, comum, conota sofrimento religioso e o de A pode ser usado para o masculino e para o feminino, mas mais para o masculino de modo que A adotou uma corruptela. O motivo do sofrimento de B que precipitou o atendimento muitos anos atrás foi o luto, primeiro pela morte do pai e depois de um familiar, precedido por longo sofrimento, que lhe deixou parte significativa da herança – que era usada para pagar o tratamento e que terminou e aí terminou o tratamento! Por longos anos o tratamento ficou centrado na sua identificação como noiva deste familiar e o no objeto morto dentro de sim, mas não houve resultado efetivo.*

*Partimos da idéia de que operavam conteúdos excindidos (forcluídos – rejeitado e recusados) que precisavam ser presos a palavras, representados e depois reprimidos; este deveria ser o trabalho. Todo o tratamento inicial individual fracassou, pois o conteúdo ficou preso na ‘representação’ ausência das sessões e mentira, o que é o mesmo; isto é o negativo da coluna 2 do Bion. Não é que a parte neurótica de B não dominasse o conteúdo – luto, perdas, mortes –*

*mas o não representado na parte psicótica mantinha este sistema de atuação operativo. Então, esta fase primeira vamos chamar de etapa do vazio que, além do luto, depois descobrimos, escondia a mãe morta de Green. E lá ficava eu irritado, incomodado e aguardando e, às vezes B chegava dez minutos, cinco minutos antes do final da sessão e tentava espicha-la e quem pagava o tratamento era A que já pedira ajuda, pois a pensão era insuficiente e os gastos excessivos. O tema era centrado na perseguição – eu como ladrão, perigoso, explorador – e, naturalmente, o simbólico, a castração, passavam ao largo. Aliás, isto me ensinou algo muito belo. É função masculina enterrar os mortos e fiquei ali carregando o esquite para o túmulo.*

*Aí então depois de tanto tempo de nada, aconteceu algo. Para minha total surpresa aparecem, na hora exata, as duas acompanhadas de uma terceira – viúva recente com luto prolongado, irmã de A, e cujo nome é dor. Passam as duas e fica a viúva na sala de espera. O tema é a qualidade do marido falecido. Nos últimos vinte minutos passa a viúva e a sala fica num velório. Interessante é o modo como a Sra. Viúva cumprimenta seu falecido na cozinha da casa para o café da manhã. Desde então há um progressivo esforço de simbolização, que tem me re-ensinado, com Klein, que só há simbolização (representação reprimida) se há luto. Mas persistiram os dois sistemas operantes – o do vazio e a etapa que chamaremos agora, etapa do cadáver saboroso (Torok e Abraham) em homenagem ao retrato na cozinha, em que os morto deambula incorporado na viúva. Mas eu não entendera quem era o cadáver saboroso. Urano?*

*Passaram-se alguns meses. É interessante que a morte está ali o tempo todo de vários modos, mas a elaboração só opera sobre os sintomas quando vence determinadas etapas; ela já está e estava na palavra, mas sem a experiência emocional. É K, mas não é O. Depois de todos estes percalços em que tinha de ficar com o morto aguardando-as, numa das sessões A veio da Igreja com um pacote que retirou e me mostrou como é que fazia coisas bonitas em tecido e tecelagem – e são muito lindas! Mostrou-me uma linda manta escura com flores coloridas em fundo preto que me pareceu uma mortalha e depois tirou um anjinho de dentro da sacola. Aí com atraso de vinte minutos chegou B; ambiente funesto e o discurso de uma viúva que morava no prédio e pedia que digitassem seus textos! Bom, apareceu então a morte de um irmão de A assassinado nos primeiros anos de vida de B e do pai de A falecido quando da gravidez de B no sétimos mês. Já sabia do irmão, mas não sabia do pai de A. Os cadáveres, com titubeio e relutância estavam se dissolvendo em palavras. Começava a se esboçar a que*

*achamos que, do ponto de vista da teoria, seria a última etapa, a das palavras. Mais alguns meses. B ainda se atrasa ou não vem, mas A não falta nunca. Três etapas então, a do nada, do cadáver saboroso e a das palavras. Finalmente - interessante mesmo e mostra como eu não entendera o material da mortalha - A me relata que sua mãe perdera a primeira filha com dois anos de idade numa morte que lhe impôs sofrimento e que lembrou até o fim da vida. A filha seguinte é a que tem o nome da dor e a terceira – que deveria ser homem – é A. Por toda a vida ficou um baú no quarto do casal com as roupinhas da filha perdida e até uma vela onde ela deu uma mordida. Ai se introduz uma questão importante. Quem é o homem que não enterra os mortos? Não carrega o esquife? Esta é a figura paterna desta família.*

*Bem, e assim passou-se o tempo. B ensaiou um namoro fracassado, ciúmes, álcool, abandono, desespero da família. Ai, um dia, com alguns minutos de atraso vem as duas. B esta carregando flores e a um pacotão. Pergunto o que há? B está de aniversário! Cumprimentos. A me serve bolo que estava no pacotão. São pessoas sempre agradabilíssimas e afáveis. Mas o ambiente é fúnebre e me dou conta que a saia de A é igual àquela mortalha-toalha que me mostrara, as flores, o bolo, velório. É a expressão de como A estava quando B nasceu! A mãe morta de Green. E, no aniversário de B o assunto foi mortos por mais que isto fosse assinalado. Mortos-vivos. Cadáveres saborosos palavras. Assim estava porque os homens dentro de A não conseguem enterrar os mortos. Assim estamos. Não sei para onde vamos, mas percebo que carrego um esquife. Digamos que não sei se chegarei no cemitério.*

*E quem é B? B é a menina dentro do baú, é o desejo da avó de ter a filha viva e é o desejo de ter um menino no lugar de A. É o pai morto presente para o olhar da mãe com a impulsão pelo alcoolismo, com o dormir na cama. É o outro familiar com a recusa da diferença de sexos. É a mãe irritada e depressiva com a enormidade de mortos e partos a cada ano. Mas também é o esforço para ter uma voz. Aliás, é bem interessante que há o relato de uma crise psicótica de B na adolescência, após a ruptura com um namoradinho, em que por meses ficou anedônica e com um delírio quem que seria Dom Pedro II, e que só se esbateu após a consulta a uma velha senhora que tudo sabia – a avó.*

### **Conclusão sumária a guisa de final**

Definitivamente, o delírio, os sintomas, assim como o potencial criativo humano são construtos sócio-familiares. A

neuroquímica fornece uma faceta explicativa apenas; ficam várias outras em aberto. Como o humano é um emergente do biológico e do social, só o é enquanto humano se tingido pela cor do social.

Agradecimentos: Ao Dr. César Bastos, pela discussão a propósito da conferência do Prof. José Fernando Fontanari sobre a física da origem da vida, a questão da morte relacionada ao aparecimento da bissexualidade e às inúmeras idéias que aparecem neste texto.

### Referências bibliográficas

- AULAGNIER, P. – *A Violência da Interpretação – Do Pictograma ao Enunciado*. Rio de Janeiro, Imago, 1975.
- AULAGNIER, P. – *Um Intérprete em Busca de Sentido*. São Paulo, Editora Escuta, 1986/1990 v1 e v2.
- BERENSTEIN, I. – *Psicoanálisis de la Estructura Familiar – Del Destino a la Significación*. Buenos Aires, Paidós, 1981..
- BERENSTEIN, I. – *Psicoanálisis de una Familia*. Buenos Aires, Paidós, 1990.
- BERENSTEIN, I. e PUGET, J – *Lo Vincular – Clínica y Técnica psicoanalítica*. Buenos Aires, Paidós, 1997.
- BERENSTEIN, I. - *Eu e o Outro*. Paidós. Buenos Aires, 2001.
- BION, W. R. – *Uma Memória do Futuro – I – O Sonho*. São Paulo, Editora Escuta, 1975/1989.
- BION, W.R. – *Cogitações*. Rio de Janeiro, Imago, 1992/2000.
- BLEICHMAR, S. (1993) *La fundación de lo inconciente. Destinos de pulsión, destinos de sujeto*. Amorrortu editores, B.A., 1993.
- BOTELLA, C e BOTELLA, S. – *Irrepresentável*. Porto Alegre, Editora Criação Humana Ltda, 2002.
- DANIEL, D.G.; SWALLOWS, A. & WOLFF, F. - Capgras delusion and seizures in association with therapeutic dosages of Disulfiram. *Southern Medical Journal*, 80, 1987, 1577-1579.
- FREUD, S. (1914) - *Sobre o narcisismo*. *VXIV*, 1974.
- GUILLAUMIN, J. - *Una extraña variedad de espacio o el pensamiento de lo negativo en el campo del psicoanálisis* In: Missenard, A (Org) - *Lo Negativo. Figuras y Modalidades*, Buenos Aires, Amorrortu, 1989.
- GREEN, A – *El trabajo de lo Negativo*, Buenos Aires, Amorrortu, 1993.
- GREEN, A – *Conferencias Brasileiras de André Green – Metapsicología dos Limites*, Rio de Janeiro, Imago, 1990.
- KAËS, R. – *El pacto denegativo em los conjuntos trans-subjetivos*. In: Missenard, A (Org) - *Lo Negativo. Figuras y Modalidades*,

- Buenos Aires, Amorrortu, 1989.
- KAES, R. - *El grupo y el sujeto del grupo*. Amorrortu Editores, B.A., 1993.
- KAES, R. - El Pacto Denegativo en los conjuntos trans-subjetivos. In: *Lo negativo. Figuras y Modalidades*. Amorrortu Editores, B.A., 1991.
- KAËS, R. - *Transmissão da Vida Psíquica Entre Gerações*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1993/2001.
- KOJÈVE, A. - *Introdução á leitura de Hegel*. Rio de Janeiro; Editora da Universidade do Rio de Janeiro, 2002.
- LACAN, J. - Os Complexos Familiares na formação do indivíduo. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 1985.
- LACAN, J. - *Escritos*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 1985.
- MATUS, S. - *Lo Negativo en el Vínculo de pareja*. In: PUGET, J. (Org) - *Psicoanálisis de pareja - Del Amor y sus Bordes*. Buenos Aires, Paidós, 1997.
- PENOT, B. *Figuras da recusa - Aquém do negativo*. Porto Alegre; Editora Artes Médicas, 1992.
- PUGET, J. - *La mente del psicoanalista de configuraciones vinculares*. In: *Psicoanálisis de las Configuraciones Vinculares*. Revista de la Asociación Argentina de Psicología y Psicoterapia de Grupo, 1997.
- PUGET, J. - *Actualización de la problemática de la transferencia en psicoanálisis de pareja*. Revista de Psicología y Psicoterapia de Grupo. Buenos Aires.1992.
- PUGET, J. y BERENSTEIN, I. - *Lo vincular*. En: *Clínica y Técnica Psicoanalítica*. Paidós, B.A., 1997.
- ROUDINESCO, E. & PLON, M. - *Dicionário de Psicanálise*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 1997.
- STERNBACH, S. - *La Intervención en Patologías de Borde*. In: *Psicoanálisis de las Configuraciones Vinculares*. Revista de la Asociación Argentina de Psicología y Psicoterapia de Grupo, 1997.

**Endereço para correspondência**

[jfontanari@terra.com.br](mailto:jfontanari@terra.com.br)